

Roriz X Cristovam

BIA BOTANA

16 NOV 1994

Enquanto escrevo este artigo, prognósticos e pesquisas apresentam um equilíbrio entre os candidatos ao 2º turno do governo do DF. Contudo, mais importante que o confronto decisório das urnas, é o significado político da eleição e seus personagens: Valmir Campelo, um candidato da situação - mais precisamente o candidato de Roriz -, e Cristovam Buarque, um intelectual comunista-ide, que representa um partido de sindicalistas, muito mais do que de trabalhadores. O PT encontrou em Cristovam um digno representante da sua elite refinada, muito distante da realidade dos metalúrgicos do ABC paulista que deu origem ao partido.

Valmir se apresenta como administrador eficiente que é, assim como reúne em torno de si a classe empresarial. Todavia a política populista de Roriz durante seu governo, mal direcionada para um processo de continuidade sucessória, se tornou o maior obstáculo de Valmir, visto por muitos como fantoche ou testa-de-ferro do atual governador. A imagem de Valmir não é independente, muito menos transmite a capacidade necessária de autonomia política. Sem nítida liderança, sua personagem leva a crer que não será mais que um mero representante de Roriz. Portanto se existe uma disputa ela está entre Roriz e Cristovam.

Muito se diz que Valmir não era a preferência de Roriz, para justificar uma derrota, mas a verdade é que Roriz não preparou devidamente o terreno para uma continuidade sucessória. Houve erro terrível de estratégia: Roriz fez os assentamentos (considerados por seus oposicionistas como "currais" eleitorais), mas, chegando próximo do período eleitoral, em vez de terminar as obras de infra-estrutura destes deu prioridade à construção do metrô, que em termos financeiros poderia ser mais interessante, mas em termos de voto não. O povão não está nem af para o metrô,

quer água, esgoto, luz, pavimentação, policiamento, creches, escolas, postos de saúde etc., exatamente o que não tem.

Roriz esqueceu que o povão tem memória curta, inverteu as bolas e embarcou numa canoa furada dando ao PT um poder de fogo nas cidades-satélites, que jamais sonhara possuir.

Cristovam, portanto, não está recebendo um surpreendente apoio porque é um bom candidato ao governo do DF, ao contrário sua propalada má administração da UnB já seria motivo suficiente para desqualificá-lo. Muito menos é verdade que a militância petista cresceu no DF, ampliando seus redutos, além do funcionalismo público e da classe média brasiliense onde reina, conquistando as classes de baixa renda. O que cresceu mesmo foi a oposição ao continismo da política e da administração de Roriz, que ascendeu o fogo, colocou óleo na panela e deixou o povão fritá-lo.

Infelizmente Brasília não teve uma 3ª via decente. Abadia radicalizou e descambou para a demagogia barata em vez de demonstrar experiência. Sigmaringa teria sido uma melhor opção, mas a emaranhada e mascarada política interna do PSDB do DF deixou passar uma oportunidade única e jogou Brasília entre a "cruz e a caldeirinha".

Se há uma previsão correta é: qual seja o resultado do 2º turno, Brasília nos próximos anos será um inferno, porque os vencidos, a metade dos participantes do contexto político, não darão trégua e não exitarão em solapar as ações do governante eleito, e com isso quem sairá perdendo é o próprio povo, que pagará um alto preço pela falta de amadurecimento político que grassa a Capital Federal e pela vaidade irresponsável de seus políticos.

■ Bia Botana é analista política